

## Organização social

Os Aranã sustentam sua unidade enquanto grupo étnico através de uma regra de descendência que parece privilegiar sempre a inclusão: os filhos de casamentos entre Aranã e não índios parecem ser sempre considerados Aranã. A origem indígena sempre prevalece na identidade dos filhos, independentemente do vínculo étnico apresentar-se ligado à mãe ou ao pai. Este padrão ocorre também nos casamentos entre as famílias Índio e Caboclo: quando um membro da família Caboclo casa-se com um membro da família Índio, os filhos são sempre identificados como Índio; novamente o gênero dos genitores não sendo determinante. Além disto, foi possível perceber que algumas mulheres da família Caboclo ou não índias, ao se unirem a um membro da família Índio, identificam-se, elas próprias, como tais. Torna-se assim compreensível o crescimento populacional recente da comunidade aranã concomitante ao próprio processo de emergência, afirmação e valorização da identidade étnica do grupo.

Pedro Sangê, "índio" sem vínculo societário indígena definido, através do seu olhar para o passado, constituiu as bases de uma comunidade indígena pensada, vivida e sonhada, com uma história própria e com regras específicas de inserção de seus membros. É desta forma que os Aranã se apresentam, enquanto grupo étnico, e que lutam para ser ouvidos e respeitados.

## **Relação com a terra e com os fazendeiros**

O processo de transferência de famílias indígenas para fazendas é fato antigo na história brasileira, definindo de modo preponderante fluxos migratórios e processos de destribalização de inúmeros povos. No caso aranã, sendo a biografia de seus patriarcas, Manoel e Pedro Sangê, diretamente marcada por processos de 'desenraizamento' de suas famílias de origem, e de estabelecimento de vínculos meramente pessoais de dependência com famílias de fazendeiros, seria improvável de se conceber, em tais circunstâncias, o horizonte possível de uma vida em comunidade para os seus descendentes.

Contudo, o povo Aranã se concebe enquanto tal a partir de sua permanência na Fazenda Campo, município de Araçuaí, no início do século XX. O casamento de Pedro Sangê com Maria Rosa das Neves foi uma das principais razões da fixação da família em uma terra e marcou também o início da união entre as famílias Índio e Caboclo.

Na Fazenda Campo, os Aranã prestavam serviços para o proprietário Senhor Miguel Figueiredo Murta. Apesar de habitarem também a Fazenda Alagadiço e lá ainda prestarem serviços para a família Murta, foi na Fazenda Campo que os Aranã consolidaram uma vida em comunidade mediada pela figura marcante de Pedro Sangê.

A relação com o fazendeiro, velho Miguel, como é lembrado pelos descendentes de Sangê, é descrita como amigável, boa. Segundo eles, enquanto velho Miguel estava vivo, havia alegria e fartura na fazenda. Entretanto, após sua morte, os Aranã relatam as dificuldades vividas na fazenda. Além das condições de assistência à saúde, também o clima e as relações de trabalho foram se deteriorando.

Segundo os Aranã, quando velho Miguel morreu os herdeiros da Fazenda Campo não investiram na propriedade, dividindo-a e vendendo-a para outros fazendeiros da região. A intensificação da seca no Vale do Jequitinhonha, somada à grande distância da fazenda para os centros urbanos para tratamento médico e acesso à educação formal, são identificados nesse momento como os principais fatores que dificultaram a permanência do grupo na área, razões estas que culminaram com a migração de algumas famílias para centros urbanos e fazendas mais próximas das cidades.

O progressivo desencantamento das relações sociais vividas na Fazenda Campo posteriormente às mortes de velho Miguel e de Sangê parece ter resgatado, na memória dos Aranã, a percepção da relação com os fazendeiros como de cativo e como fator maior da sua desagregação - características estas que podem remontar a própria história, fundante e emblemática para eles, de Manoel Índio.

A Fazenda Campo situa-se ao lado esquerdo do rio Jequitinhonha, a 15 km do mesmo, em local de difícil acesso, nas microbacias dos rios Santana e Areia. A arqueóloga, Alenice Baeta, em visita ao sítio onde se localizava a sede da fazenda, observou ainda algumas estruturas remanescentes da mesma, tais como: um antigo cemitério, um cruzeiro com alicerces de alvenaria de pedra, fornos, fornalhas, engenho, oficina de farinha e alicerces da sede, dentre outras.

Assim como a Fazenda Campo, a Fazenda Alagadiço também foi de propriedade da família Murta até metade do século XX, quando Dona Mariquinha Murta doou a fazenda para a Diocese de Araçuaí, em 1942. Quando do primeiro casamento de Sangê, no início do século XX, e quando do êxodo da Fazenda Campo, a presença araná na Fazenda Alagadiço ocorreu de forma preponderante.

A Diocese recebeu a posse da fazenda Alagadiço, mas parece ter desde sempre manifestado dificuldades para gerenciá-la. No início da década de 1980, a Diocese realizou algumas tentativas de transferir glebas de terras para seus agregados, a fim de minimizar os custos. Esse processo envolveu algumas famílias araná, que apesar da gratidão à Diocese pela doação de terras, manifestam a insuficiência da terra para garantir sua subsistência. São pequenas glebas, em faixas estreitas de terra, onde o acesso à água exige projeto de canalização.

Fonte: Instituto Socioambiental – ISA  
<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/arana>